

OBRAS DE

RAMADA CURTO

II VOLUME

MULTA PROVÁVEL

PEÇA EM 3 ACTOS



OBRAS
DE
RAMADA CURTO

II VOLUME

MULTA PROVÁVEL

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA SIMÕES LOPES
PORTO

OBRAS
DE
RAMADA CURTO

PROPRIEDADE LITERÁRIA DA
LIVRARIA SIMÕES LOPES
RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

MULTA PROVÁVEL

PEÇA EM 3 ACTOS



LIVRARIA SIMÕES LOPES

TIPOGRAFIA DA Liv. SIMÕES LOPES
RUA CANDIDO REIS, 47 — PORTO
TELEFS. 20761/62/63 — O. 13740

MULTA PROVÁVEL

PERSONAGENS

EDUARDO NOVAIS	60 anos
D. MARIANA, sua mulher	58 »
LUÍSA, filha destes	22 »
ISABEL, filha só de Eduardo.	25 »
JOÃO, irmão de Eduardo	56 »
FRANCISCO, filho deste	28 »
ROSA, criada velha	59 »
Uma criada nova	

LISBOA — ACTUALIDADE

PRIMEIRO ACTO

Uma sala luxuosamente mobilada com dois planos e portas à D e E. Ao fundo é uma entrada larga praticável para um corredor e depois um jardim.

É manhã.

CENA I

D. Mariana, Isabel e Luísa.

D. MARIANA (*vendo figurinos*)

Este não me parece mal. O corpo é preso pelas alças nos ombros e deixa as costas nuas... A saia é elegante. Deve ficar bem em tafetá preto...

LUÍSA

Preto? Não acha pesado de mais?

D. MARIANA

De modo algum... Como tu és muito branca deve ficar-te bem...

LUÍSA (*a Isabel mostrando-lhe o figurino*)

Que achas?

ISABEL

Mal.

LUÍSA

Mal? Mal porquê?

ISABEL

Não gosto que me vejam o corpo. Desculparás mas acho que esses modelos são só para mulheres casadas. Enquanto solteiras não temos o direito de nos despirmos assim em público..

LUÍSA

Isso é um disparate! É todo afogado na frente.

ISABEL

E desafogadíssimo nas costas... Quando passam por nós no «foyer» dum teatro ou num baile roçam-se, fixam o olhar de certa maneira. Parece que nos perguntam — e do outro lado?

LUÍSA

Se já viram rapariga mais possidónia, mãe?

D. MARIANA

Tu, Isabel, és um bocadinho espírito de contradição. Como toda a gente gosta e toda a gente usa, tu pões-te logo na contrária. Eu sou uma pessoa que faço

o que vejo fazer aos demais... Usa-se, pronto! Não te pareces comigo! Nem podias parecer-te... És minha enteada...

ISABEL

Pois é. Tem razão. Também não se pode dizer que nisso saio ao pai... Nunca o vi decotado... De resto não sei a quem saio... A minha mãe morreu tinha eu três anos.

LUÍSA (a D. Mariana baixo)

Hoje está com os azeites...

D. MARIANA (baixo)

Deixa-a lá... Se gostas manda fazer. Eu, por mim, gosto.

ISABEL (rindo irónica)

Se estão sempre de acordo para que pedem a minha opinião que não conta?

D. MARIANA

Tens ouvidos de tísica...

ISABEL

Melhor... Tenho um dedo que me adivinha... (Outro tom) O tio João pediu para lhe telefonarem a dizer-lhe quando o pai chegar a casa... Precisa falar-lhe.

D. MARIANA

Ele está sempre a precisar falar a teu pai. É já antiga essa necessidade do meu cunhado.

ISABEL

É natural... São irmãos...

LUÍSA

Parece-me que o pai não gosta lá muito desse hábito.

ISABEL

Não sei porquê... Eu gosto do tio João... É uma pessoa bondosa e infeliz.

D. MARIANA

Má cabeça também...

ISABEL

Não sei em quê, coitado! Quando uma pessoa não tem sorte na vida tem má cabeça, não se sabe governar, se a tem, então a cabeça é esplêndida.

LUÍSA

Não queres comparar o tio João ao pai, com certeza... Esse é que é um homem inteligente, sério.

D. MARIANA

O que se chama um homem de carácter...

ISABEL

Sem dúvida... O que eu digo é que são diferentes.

LUÍSA

É preciso que haja pessoas diferentes senão a vida tornava-se imensamente monótona. (*A Isabel*) Sempre vais ao Mah-Jong da Maria Luísa?

ISABEL

Não.

LUÍSA

Porquê?

ISABEL

Porque não me apetece... Não sei jogar.

D. MARIANA

Ficas em casa hoje? Nós vamos.

ISABEL

Fico em casa. Hoje estou bicho. (*A Luisa*) Como tu costumás dizer. É realmente preciso que haja pes-

soas diferentes. Assim tu. Divertes-te imenso com os Mah-Jongs da Maria Luísa. Ouves imensas histórias divertidas sobre todas as pessoas que conhecemos. Diz-se mal dos mais íntimos. E fazes isso tudo com uma graça de loira e branca... Uma boneca de Sévres, delicada e encantadora, um tudo nada má língua — o que até lhe dá uma certa graça.

LUÍSA

Estás amável hoje.

ISABEL

É porque gosto de ti, sabes? Nuncas deste por isso?

LUÍSA

É natural... Somos irmãs.

ISABEL

Meias, meias irmãs! O doutor Seabra explicou-me que nós eramos irmãs consanguíneas... Porque somos filhas do mesmo pai... Consanguíneas foi como ele disse... Temos o mesmo sangue... É estranho, não achas?

LUÍSA

Eu não! Pois se é verdade.

ISABEL

Eu tenho a mais o da minha mãe...

D. MARIANA

Dizem que era azul, esse... A senhora tua mãe era fidalga, tinha muitos apelidos...

LUÍSA

E rica...

ISABEL

Também. É verdade. E morreu tão nova... De que lhe valeu isso tudo...

D. MARIANA (*com um suspiro*)

Decerto, de nada, filha... No entanto é bom seres como és... muito rica. Olha que dá um grande sossego, uma grande quietação de espírito. Tira muita preocupação.

ISABEL

Faz-lhe esse efeito a si? Deve sabê-lo... Também o é.

LUÍSA

Nada que se compare. Aquele rapaz muito engraçado, o Videira, conheces?

ISABEL

Videira? Não!

LUÍSA

É um tipo com muito espírito... Outro dia disse quando te viu entrar no baile da Bitinha: Lá vem a bezerra de ouro...

ISABEL

A bezerra era eu?

LUÍSA

Eras...

ISABEL

É pouco delicado esse homem... Podia ao menos, ter-me chamado «a vitela»! Era... como explicar? Menos áspero.

LUÍSA

Ele é um belo rapaz. Cá por coisas pareceu-me que não se importava nada de vir a ser...

ISABEL

O bezerro, não é? (Outro tom) Estamos a dizer tolices, Luísa. Coisas de gosto duvidoso, palavras... (Excitada) Por que será que é tão difícil falar a sério, de

coisas sérias, com gente séria?... Gostava tanto... Sabes, Luísa, às vezes apetece-me falar com os criados, com gente diferente de nós, com pessoas que não conheço, que encontro na rua.

LUÍSA

Estás excitada!

ISABEL

Estou... Estou excitada, estou estúpida, estou o que vocês quiserem. A mãe dá licença... Vou até à *garage* ver mexer no automóvel — perguntar os nomes daqueles tubos, daquelas peças, perceber como aquilo trabalha...

LUÍSA (rindo)

Aprende, filha... Tiras a carta... Depois vais para «chauffeur» de taxi... Deve distrair-te ires para a praça...

ISABEL (dura)

Talvez... Com licença, mãe...

D. MARIANA

À vontade... (Isabel sai).

CENA II

D. Mariana e Luísa

LUÍSA

A mãe não acha que a Isabel tem qualquer coisa?

D. MARIANA

Tem muitas... Dinheiro, por exemplo.

LUÍSA

Não é isso... É uma pessoa diferente de... de mim, por exemplo...

D. MARIANA

E ainda bem, filha... Tu és uma pessoa simples, alegre, natural... A Isabel — eu sou amiga dela — não faço diferença entre vocês duas que é a minha obrigação.

LUÍSA (com tagatés)

Ah, lá isso faz... E a meu favor... Sou sua filha (beija-a).

D. MARIANA (risonha, beijando-a)

Macaqueira — Sou amiga da Isabel. Mas não deixo de reconhecer que ela tem um feitio difícil, reservado, irónico... Às vezes parece-me, Deus me perdão, que ela não gosta de mim.

LUÍSA

Ah, lá isso não... Ela é nossa amiga.

D. MARIANA

Sim, a seu modo... Será talvez o feitio da mãe.

LUÍSA

Como era o feitio da mãe dela?

D. MARIANA

Talvez altiva, talvez caprichosa... A Rosa, a criada da tua irmã, a sua guarda-jóias, a sua confidente, tem, nestes anos todos, deixado escapar uma ou outra palavra... Olha, essa é que eu te digo que não gosta de nós...

LUÍSA

A Rosa?! Coitada... Uma pobre velha que fala tão pouco... como pode perceber isso... (Rosa aparecendo à porta da E alta) Não pode ser boa... Falai no mau...

CENA III

As mesmas e Rosa

ROSA (da porta)

VV. Ex.^{as} dão licença?